

08 DEZ 2000

VALOR

Violão de direitos humanos prejudica a economia, diz ONG

Evelyn Leopold

Reuters

A globalização tem criado benefícios inegáveis como riqueza e milhões de empregos mas o sistema atual reserva pouco espaço a direitos humanos e outros valores sociais, conclui um relatório da Human Rights Watch, divulgado ontem.

"Os padrões de direitos humanos existem, mas não estão ratificados de maneira uniforme, devidamente fiscalizados ou adequadamente integrados à economia global", diz a 11ª edição anual do documento da organização não-governamental baseada em Nova York.

A ONG alega que o respeito aos direitos humanos e à democracia é bom para a economia, observando que o Nobel da Economia Amartya Sen promove esta teoria há anos. O abuso de direitos humanos, como o desrespeito à liberdade de reunião e manifestação, impede o desenvolvimento econômico já que governos autoritários estão mais sujeitos à corrupção e a ignorar sinais de crise social.

O documento sobre a situação dos direitos humanos destaca ainda que os valores sociais não têm ligação direta com o aumento no fluxo internacional de capital, informação e pessoas. Como exemplo, a organização cita o boom no comércio internacional da China, que não mudou em nada a determinação do governo em reprimir a oposição política. E no Sudão, a entrada das receitas do petróleo apenas serviu para que o governo dobrar seu orçamento militar em dois anos para entrar em uma guerra civil.

Em Serra Leoa e em Angola, o tráfico internacional de diamantes, embora ilícito, tem financiando violentas guerras civis. Além disso, o número de pessoas que migram para trabalhar em outros países e vítimas de tráfico tem crescido junto com o comércio.

No entanto, o documento ressalta que os críticos do livre mercado têm poucos adeptos nos países pobres, onde aumentam os temores de que uma associação entre comércio global e direitos humanos acabará beneficiando apenas interesses protecionistas dos países ricos.

A organização recomenda uma série de reformas em instituições internacionais mas diz que nenhuma delas é uma panacéia para os problemas atuais. Uma das pro-

postas é que o Banco Mundial e o FMI criem comissões nacionais para reforçar a importância dos direitos humanos como uma das condições de liberação de pacotes de ajuda financeira.

Uma das mais atuantes ONGs mundiais, a Human Rights Watch diz em seu relatório que a ONU, que detém a expertise, não tem o poder nem os recursos necessários para garantir a aplicação de direitos humanos e sociais. A Organização Mundial do Comércio (OMC), que — segundo o documento — teria poder para fazê-lo se esquivasse dessa função e não tem nenhuma "expertise, cultura ou tradição na proteção de direitos humanos".

Ao analisar a situação em 70 países, o relatório também aponta casos específicos como a guerra entre a Rússia e os rebeldes separatistas da Tchetchênia e considera a falta de represália uma "flagrante falha" da comunidade internacional neste ano.

O relatório ainda critica os militares da Colômbia, por não cortar vínculos com grupos paramilitares responsáveis por graves violações aos direitos humanos, e repreende Israel, por usar força excessiva contra os palestinos, e a Indonésia, por não reprimir a ação de milícias armadas no Timor Leste (logo após o plebiscito que decidiu pela independência) e atualmente no Timor Oeste.

Os Estados Unidos também não escaparam às críticas da organização, que chama a atenção para os "abusos" cometidos contra presos — de discriminação racial à pena de morte.

A organização atribui muitas das atrocidades mundiais à falta de apoio à ONU. Países desenvolvidos, especialmente os EUA, diz o relatório, não fornecem recursos adequados para que a organização faça seu trabalho, enquanto que países em desenvolvimento preferem investir recursos em projetos que consideram mais importantes.

O diretor da Human Rights, Kenneth Roth, diz que — apesar dos esforços do secretário-geral Kofi Annan — a ONU usa "muita retórica mas não dispõe dos meios para proteger as vítimas". "O Conselho de Segurança precisa parar de tratar direitos humanos como uma desagradável irrelevância que é melhor ser deixada em seu exílio em Genebra", disse Roth, referindo-se à Comissão de Direitos Humanos da ONU baseada na cidade suíça.